



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

SEVERINA LUIZ DA SILVA

**LITERATURA INFANTIL:
UM RECURSO PEDAGÓGICO DE CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS**

GUARABIRA-PB
2014

SEVERINA LUIZ DA SILVA

**LITERATURA INFANTIL:
UM RECURSO PEDAGÓGICO DE CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientação: Dra. Maria Suely da Costa

GUARABIRA-PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586l Silva, Severina Luiz da
Literatura infantil [manuscrito] : um recurso pedagógico de
construção de aprendizagens / Severina Luiz da Silva. - 2014.
36 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Profª Dra. Maria Suely da Costa, Departamento
de Letras".

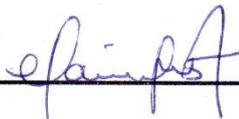
1. Literatura 2. Fábula 3. Leitura I. Título.
21. ed. CDD 372.64

SEVERINA LUIZ DA SILVA

**LITERATURA INFANTIL:
UM RECURSO PEDAGÓGICO DE CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS**

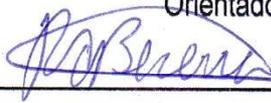
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 19/07/2014



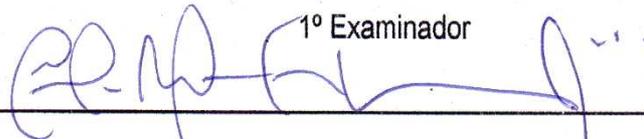
Profª Dra. Maria Suely da Costa- UEPB

Orientadora



Profª Dra. Rosilda Alves Bezerra - UEPB

1º Examinador



Prof. Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima - UEPB
(2º Examinador)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, a toda minha família, amigos e professores do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba e de modo especial a minha orientadora Profª Suely Costa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a minha família, a Nenê, a Isabele, a Janaína, aos colegas de curso, aos professores que ministraram os módulos, a toda equipe da UEPB-CAMPUS-III em Guarabira e a minha dedicada e compreensiva orientadora Prof^a Suely Costa.

“É a propósito da literatura que a importância do sentido do texto se manifesta em toda a sua plenitude. É essa plenitude de sentido o começo, o meio e o fim de qualquer trabalho com o texto. Todas as atividades escolares das quais o texto participa precisam ter sentido, para que o texto resguarde seu sentido maior.”

(Marisa Lajolo, 1986)

RESUMO

O presente estudo aborda a questão da literatura no gênero fábula como recurso pedagógico auxiliar na leitura, refletindo sobre o potencial do texto literário na formação de aprendizagens de valores. Compreendendo que o papel da leitura na (re)construção de aprendizagens contribui para que o aluno evolua do estágio superficial da decodificação de signos linguísticos para uma maior eficiência da leitura, é que se propõe a inserção do texto/fábula na ação pedagógica. A atividade de leitura a partir deste gênero se dá no sentido de auxiliar na autonomia do discente leitor nos requisitos de formação de valores, possibilitando uma leitura participativa e reflexiva. Adotou-se uma metodologia de pesquisa bibliográfica de referenciais voltados para a literatura e seu ensino, a prática pedagógica, a formação do leitor. Dois textos literários foram tomados como objeto de estudo, as fábulas *O Urso polar pede ajuda a Nanuq* e *A raposa zoolímpica* de Sérgio Capparelli. No contexto de formação do leitor, torna-se evidente a importância de se incluir na proposta de ensino os textos literários cuja matéria, dentro de uma perspectiva interdisciplinar, tende a potencializar o estímulo à leitura e a reafirmação de valores para uma formação cidadã.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Fábula. Leitura. Valores.

ABSTRACT

The present study addresses the question of literature in the genre fable as a teaching resource help with reading, reflecting on the potential of literary texts in the formation of learning values. Understanding the role of reading in the (re) construction of learning helps the student to evolve the superficial stage of decoding linguistic signs to efficiency of reading, it is proposed that the text insertion / fable in pedagogical action. The activity of reading from this genus is given in order to help the reader's autonomy in student training requirements values, enabling participatory and reflective reading. We adopted a methodology of literature search focused on literature references and language teaching, pedagogical practice, the formation of the reader. Two literary texts were taken as the study object, fables The Polar Bear asks for help and the Nanuq The zoolímpica fox SérgioCapparelli. In the context of training of the reader, it is clearly important to include in the proposed teaching literary texts whose raw, within an interdisciplinary perspective, tends to potentiate the stimulation of reading and the reaffirmation of values for a civic education.

KEYWORDS: Literature. Fable. Reading. Values.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. A LITERATURA INFANTIL	12
1.1 Breve contextualização da literatura infantil.....	12
1.2 A literatura no ensino fundamental menor.....	15
2. CURRÍCULO ESCOLAR E LEITURA	19
2.1- A importância da leitura na (re)construção de aprendizagens com base nos PCN.....	19
2.2 A interação entre texto e leitor.....	23
3. REFLETINDO OS VALORES ATRAVÉS DE FÁBULAS CONTEMPORÂNEAS	27
3.1 A responsabilidade no agir: <i>O Urso Polar pede ajuda a Nanuq</i>	27
3.2 A humildade e limitações: <i>A raposa zoolímpica</i>	30
3.3 Perspectivas no ensino com o apoio da fábula.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma discussão em torno da fábula como recurso pedagógico para o trabalho com leitura e construção de aprendizagens, correlacionando a interação produtiva do aluno por meio da leitura e da reflexão de valores como direcionamento para a formação cidadã.

O gênero literário fábula apresenta narrativas curtas e com amplo campo de significação para se realizar atividades de leitura como também possibilitar aprendizagens de valores por meio das lições de moral presentes nas tramas. O uso pedagógico deste gênero literário tende a possibilitar que a ação da leitura e a construção de aprendizagens se realizem sem que haja a necessidade de distinguir o momento em que ambas estão sendo acionadas.

Sabe-se das grandes limitações do sistema educacional para lidar com as lacunas que provém do histórico escolar do aluno quando o mesmo não traz consigo o hábito da leitura. E quando esta atividade não é estimulada na escola são inegáveis as limitações futuras para o discente. A própria rotina das aulas por vezes não contempla projetos relacionados ao estímulo a leitura de textos literários e, a partir deles, a reflexão sobre a importância da ética no dia a dia. No cotidiano escolar, não é difícil visualizar o equívoco de não prestigiar essas duas dimensões e sua real importância para o desenvolvimento educacional e moral do aluno.

O interesse deste estudo se direciona, portanto, sobre as contribuições no currículo escolar do ensino da Língua Portuguesa do incentivo à leitura de textos literários no ensino fundamental menor, bem como, a inclusão de temas transversais como proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Em função disso, optamos por discutir a respeito do gênero fábula como material fundamental para a concretizar os objetivos desta pesquisa, qual seja, apresentar a relevância da inserção deste gênero literário enquanto instrumento fundamental para uma prática pedagógica educativa formadora nas séries iniciais do ensino fundamental nas aulas de língua portuguesa.

Em função disso, inicialmente, este trabalho transcorre brevemente sobre a contextualização da literatura infantil, assim como o gênero fábula no cenário literário e as contribuições do ensino de literatura no ensino fundamental em sua primeira fase. Também abordaremos as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre o aprendizado da leitura, assim como a legitimação dos valores nas práticas educacionais.

Outro aspecto do texto está voltado para a análise de duas fábulas contemporâneas, *O Urso polar pede ajuda a Nanuq* e *A raposa zoolímpica*, de Sérgio Capparelli; material este visto como adequado para ser utilizado no ambiente de sala de aula. A partir de uma leitura interpretativa das fábulas, verificam-se as suas possibilidades de leitura, assim como de apoio enquanto recurso pedagógico para novas aprendizagens.

A metodologia de estudo de caráter bibliográfico tem como apoio um referencial teórico relacionado à literatura infantil, a exemplo de Cunha (1999) em *Literatura infantil teoria e prática*; Cademartori (1994) em *O que é literatura infantil?*; Cavalcanti (2002) em *Caminhos da literatura infantil Teoria e prática*; Lobato (1994) em *Fábulas - Obras completas*.

Ao tratar de leitura, contamos com o apoio teórico de Cosson (2011) em *Letramento literário*; Lajolo (2001) em *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*; Martins (2007) em *O que é leitura?*; PCN- em seu volume 2 *Língua portuguesa* (2001), Candido (2004) em *O direito à Literatura*, dentre outros.

Sobre a aprendizagem de valores na sala de aula, partimos das orientações da proposta dos *Parâmetros Curriculares Nacionais – em seu volume 8*, referente à *Apresentação dos temas transversais e ética* (2001), onde se verifica como devem ser tratados estes temas, compreendendo seu singular valor para o desenvolvimento social do aluno.

1. A LITERATURA INFANTIL

1.1 Breve contextualização da literatura infantil.

De acordo com Cunha (1999), a história da literatura infantil adquire maior definição no século XVIII com a pretensão de distinguir o público infantil do público adulto, observando especificidades próprias a cada um, levando-se em consideração a vivência de mundo de ambos, e a partir desta conclusão a criança teria obras próximas de sua realidade a fim de prepará-la para as demais leituras ao atingir a idade adulta. Cunha (1999, p. 23) observa que:

No caminho percorrido à procura de uma literatura adequada para a infância e juventude, observam-se duas tendências próximas que já informavam a leitura dos pequenos: dos clássicos, fizeram-se adaptações; do folclore houve a apropriação dos contos de fadas – até quase nunca especificamente para criança.

Ainda sobre a origem da literatura infantil, a mesma está intimamente atrelada a Perrault e logo depois aos irmãos Grimm, com uma diversidade de republicações e adaptações que sofreram significativas modificações ao serem reportadas. No Brasil não foi diferente, a literatura infantil também surge de adaptações e produções portuguesas. Entretanto, a dificuldade em compreender algumas traduções oriundas de Portugal, devido às diferenças socioculturais, contribuiu notoriamente para que despertasse a necessidade de uma literatura nacional para o público infantil que fosse mais próxima da realidade nacional.

A consagração da literatura voltada para o público infantil no Brasil dá-se a partir de Monteiro Lobato, “o escritor de Taubaté estava abrindo caminho para muitos escritores de talento, que, sobretudo na última década, vêm criando uma respeitável obra endereçada a criança” (CUNHA, 1999, p. 24). A produção literária de Monteiro Lobato ganha notoriedade com a criação de personagens ficcionais, assim como obras de exploração do folclore e imaginação.

Segundo Cademartori (1994, p.23),

(...) a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento.

O contato com a literatura configura-se em uma experiência ímpar na vida da criança, pois através da literatura pode-se enveredar no universo imaginário das narrativas atreladas de significados, e por assim entender a criança deveria ter acesso mais efetivo com essas obras, com a finalidade de aproveitar ao máximo o tempo de que dispõem para sua interação com narrativas bem próprias de sua faixa etária.

Conforme Meireles, (1984, p. 20),

Evidentemente, tudo é uma Literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera como especialmente do âmbito infantil. São as crianças, na verdade, que o delimitam, com sua preferência. Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas leem com utilidade e prazer. Não haveria pois, uma Literatura Infantil a priori, mas a posteriori.

A partir do momento em que a criança entra em contato com a obra literária, ela fará o juízo de valor sobre a mesma, e na realidade, esta escolha de temática é bem relativa, já que vai depender do conhecimento de mundo da criança e de suas expectativas da leitura que vai realizar.

No universo literário, são muitas as temáticas abordadas nas narrativas direcionadas às crianças, assim, torna-se importante que o processo de interpretação dos textos seja uma atividade exercida pela criança, porém com a ajuda de um adulto. No caso do gênero fábula, é fundamental selecionar textos cujos efeitos moralizantes sejam mais próximos da realidade da criança, que tragam ensinamentos morais e sociais a serem interpretados por ela.

Levando-se em consideração a contextualização histórica, a literatura infantil, surge em meio a grandes questionamentos sobre os temas a serem abordados se seriam próprios à criança ou a adultos, mas com a fábula, essa distinção foi amenizada, passando a mesma a ocupar os espaços escolares com efeito didático. Ainda que por vezes retratando comportamentos de adultos, com linguagem simples e objetiva, o gênero fabular consegue fazer esta ponte de significação e interpretação entre o público infantil e o adulto.

Associadas a fins educativos, as fábulas tiveram sua origem na oralidade e vem sendo notoriamente difundida em todos os períodos históricos, apresentando por características próprias ao gênero, narrativas curtas, que enfatizam vícios e virtudes, culminado com uma lição de moral:

(...) Narrativa curta, não raro identificada com o apólogo e a parábola, em razão da moral, implícita ou explícita, que deve encerrar, e de sua estrutura dramática. No geral, é protagonizada por animais irracionais, cujo comportamento, preservando as características próprias, deixa transparecer uma alusão, via de regra, satírica ou pedagógica, aos seres humanos (MOISÉS, 1999, p. 226).

Apresentando animais como protagonistas das narrativas, com linguagem e atitudes humanas, essas características fazem da fábula um gênero de fácil aceitação no universo escolar pelo público infantil, ainda que apresente temas universais e questionamentos e ensinamentos diversos ao público que a lê.

Tanto o dicionário¹ quanto os estudiosos comungam da definição de fábula enquanto gênero de características próprias, fazendo menção ao grande fabulista La Fontaine. A origem da fábula remonta ao século VI a.C, com Esopo, que as utilizava para aconselhar as pessoas, assim sendo, a popularidade deste gênero literário passou a ser atribuída a Esopo. Já no século XVII, temos a contribuição do francês La Fontaine que se inspira nas fábulas de Esopo e cria suas próprias narrativas,

¹Quanto à definição, o dicionário Aurélio (2010) apresenta a fábula como: **fábula**. [Do lat. *fabula*.] Substantivo feminino. 1. Historieta de ficção, de cunho popular ou artístico. 2. Narração breve, de caráter alegórico, em verso ou em prosa, destinada a ilustrar um preceito: *as fábulas de La Fontaine*. [Cf., nessas acepções, *apólogo*.] 3. Mitologia, lenda: *os deuses da fábula*. 4. Narração de coisas imaginárias; ficção: "Martius demonstrou que a história do Brasil seria fábula ou romance se lhe faltassem as bases da etnografia regional, e da etnografia geral" (E. Roquete-Pinto, *Seixos Rolados*, p. 257). 5. V. *fabulação* (2). 6. Fig. Assunto de crítica ou mofa. 7. V. *enredo* (5).

apresentando nelas as fraquezas humanas através de personagens peculiares destas histórias, colaborando para a divulgação deste gênero literário.

No século XIX, surgem as *Fábulas Fantásticas* do escritor norte-americano Ambrose Bierce, deste autor, no Brasil, não se teve muito conhecimento de sua obra, sobre a qual se aponta trazer narrativas curtas envoltas de cinismo e humor.

Dentre tantos autores que se dedicaram o gênero da fábula, temos aqui no Brasil a produção de Monteiro Lobato, que acrescentou as suas publicações este gênero literário ao lançar o livro intitulado *Fábulas*, onde no mesmo são recontadas as fábulas de Esopo e La Fontaine para os personagens do Sítio do Pica-pau-Amarelo (JELIN, 2011).

Considerando a autenticidade deste gênero literário que acompanha as gerações deste os tempos mais antigos até a atualidade, selecionamos para este estudo duas fábulas contemporâneas de autoria de Sérgio Capparelli, por tratar do gênero fábula sob a abordagem de temas atuais, consolidando a fábula na modernidade sem perder a essência estrutural na orientação da construção de uma moral.

Capparelli, nasceu em 1947 na cidade de Urbelândia em Minas Gerais. Desde o ano de 1978, passou a dedica-se a literatura infanto-juvenil, o mesmo por várias vezes foi premiado por suas publicações. Em 2011, lança o livro *30 fábulas contemporâneas para crianças* - uma coletânea de fábulas modernas baseadas na cultura popular de ditados e provérbios adaptados a situações da atualidade. Utilizando-se de uma linguagem lúdica e de ilustrações, Capparelli consegue transmitir com criatividade e imaginação as histórias, e assim, “atualizar o gênero da fábula”.

O interesse em adotar como objeto de discussão para este estudo a literatura infantil do gênero fábula, deve-se principalmente por seu caráter lúdico, imaginário atrelado a reflexões morais, aproximando ficção à realidade. Com efeito, no exercício pedagógico da sala de aula, é possível colocar os alunos diante de uma narrativa atrativa ao público infantil, conforme nos afirma Lobato (1994, p.171):

As fábulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infância. Por intermédio delas a moral, que não é outra coisa mais que a própria sabedoria da vida acumulada na consciência da humanidade penetra na alma infantil, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação. Esta boa fada mobiliza a natureza, dá fala aos animais, às árvores, às águas e tece com esses elementos pequeninas tragédias donde ressurge a moralidade, isto é a lição da vida. O maravilhoso é o açúcar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável sua ingestão.

Para o ato de leitura, é fundamental envolver os alunos com textos que apresentem temas próximos de sua realidade contextual, considerando que, dessa forma, amplia-se as possibilidades de reflexão e interpretação do texto, tornando-se um processo mais dinâmico, eficaz e prazeroso. Este deve ser, pois, um direcionamento a ser posto em prática quando do planejamento de aulas no ensino fundamental menor com o recurso do texto literário, tendo por foco aproximar texto e leitor.

1.2 Literatura no ensino fundamental menor

As fábulas tendem a uma fácil aceitação por parte do aluno, por isso é importante serem introduzidas na rotina de sala de aula não apenas para se cumprir uma determinada atividade de leitura, mas como um material cujo potencial de contribuições para a formação de novas aprendizagens é muito grande. Contudo essa condição depende muito de sua utilização pelo educador. Isso se deve ao fato de que, conforme assinala Cosson,

a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (COSSON, 2011, p.17)

Conforme exposto, a importância do contato com o universo literário está na possibilidade de nos compreender e compreender o mundo em nossa volta. Diante

disso, na condição de instituição formadora, é fundamental que, desde as séries iniciais, a escola proponha o acesso à literatura criando espaço para o estabelecimento do diálogo texto, leitor, mundo ficcional e realidade. Sendo assim, a forma como a literatura é abordada na escola é imprescindível não só para compreensão de sua importância na prática pedagógica do professor, quanto na formação do aluno.

O crítico literário Antonio Candido, no ensaio “Direito à literatura”, nos adverte que “a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 2004, p.191). Para este autor, concebida também como fator indispensável de humanização, a literatura se constitui não somente como um direito, mas como uma necessidade de equilíbrio do homem e da sociedade.

Dentre a diversidade de produções literárias, compreendemos que o gênero fábulas seja uma importante via de conquistar o aluno para a leitura desse universo fabuloso no qual convivem animais praticando atos humanos, trazendo lições de vida. São textos que acabam por remeter o leitor ao estranhamento que, aos poucos, ganha a naturalidade e leva a reflexão, questionamentos, ampliando o campo de interpretação e aprendizagens.

Colocar o aluno diante de uma forma de linguagem tão singular, marcada pelo encantamento e fonte de saberes, é uma necessidade das escolas públicas nas séries iniciais, até porque uma das grandes inquietações de professores da educação em sala de aula é com relação ao desinteresse de boa parte do alunado não apenas com os estudos, mas com a vida, com as pessoas, com os valores, muitas vezes, reflexo da desestruturação familiar.

Por vezes, a formação de valores dentro da instituição familiar acaba por deixar lacunas. Não se deve ao fato de não se querer, mas porque as próprias famílias vêm sendo bombardeadas pelas diversas influências da mídia, da tecnologia de informação e por mudanças de valores culturais e sociais. Diante desta realidade, a escola é vista como espaço de conscientização de crianças, jovens e adolescentes, em meio a tanta distorção de valores, fruto de um descontrole familiar sobre as regras de convivência dentro e fora de casa.

Cabe, portanto, a escola fazer uso de ferramentas que além de trabalharem os conhecimentos científicos, também venham educar no sentido da concretização de valores que fazem parte do contexto das relações entre seres humanos. Na dinâmica das práticas pedagógicas, é necessário ofertar oportunidades de convivência, conhecimento da realidade, engajamento popular, espírito crítico e formação dentro dos princípios da cidadania.

Estudos mostram que a utilização da literatura para instrução de pessoas precede o advento da instituição escolar. Segundo aponta Cosson (2011), várias gerações já se banharam desta fonte de múltiplos ensinamentos, mesmo quando fazia parte do imaginário e da oralidade. Na atualidade, a literatura na escola vem sendo inserida na condição de matéria curricular de conhecimentos mais técnicos, de autores, escolas, características. Nas séries iniciais, tem recebido mais crédito a literatura na sua função humanizadora. Isso porque, além de proporcionar o ato de leitura, interpretação e reescrita de textos, abre espaço para a diversidade sociocultural, experiências, novos conceitos, representações de mundo, de valores, formas de julgamento e de comportamentos.

Discutindo a respeito da condição humanizadora da literatura, Antonio Candido (2004, p.180) afirma:

Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Pensando nisso, identificamos o texto literário da fábula como um importante meio para fazer esta ponte entre o conhecimento da língua que o texto literário oferece, mas também a contribuição na aquisição de valores humanos de maneira lúdica. A fábula possibilita a introdução de diversos temas sobre valores sociais e sentimentais a serem socializados na sala de aula, criando um ambiente propício à orientação de ensinamentos curriculares e humanização do aluno. O entendimento é de que não basta apenas pensar no currículo normativo do aluno por meio das

várias disciplinas sem pensar no aluno enquanto pessoa que precisa de notas em seu currículo, mas também que seja na sociedade um ser dotado de valores humanos, e assim sendo, seja um profissional comprometido com o bem comum.

Com efeito, torna-se fundamental este enfoque de humanização na escola, o que pode ser feito através de textos literários, uma vez que se tem uma abrangência na dimensão educacional sem que para isso aponte os culpados, mas que oriente à medida que ensina. Entretanto, essa postura precisa estar imbuída na vivência do docente, esta abertura do profissional é o que garantirá a solidificação desta atividade. Já que, mesmo oferecendo tanta vantagem, o uso de textos literários encontra algumas recusas por parte de alguns profissionais da educação por considerá-lo limitado diante de tantas possibilidades midiáticas.

Cabe ao professor a responsabilidade no que se refere à seleção dos textos que pretende utilizar com seus alunos. E quando opta pelo texto literário o educador também propõe a seus discentes uma diversidade de interpretações atreladas a um determinado momento sociocultural. É certo que, a literatura contribui significativamente no currículo escolar e a sua apropriação deve ser realizada a partir do direcionamento do docente e não de forma aleatória. Como tal, o texto literário vai ser melhor acolhido pelo aluno na medida em que ele encontrar sentido na atividade em que este for empregado, pois, no dia a dia, o estudante depare-se com uma infinidade de textos (COSSON, 2011). Esta questão fundamental no contexto escolar ganha mais sentido quando associada à outra atividade, como é o caso aqui proposto, desenvolver práticas pedagógicas que conciliam leitura e construção de valores através do texto literário fábula.

Diante do exposto, é possível afirmar que o uso da fábula no Ensino Fundamental, de fato, é uma possibilidade de sensibilizar o aluno em suas práticas comportamentais sem que para isso se dirija especificamente a um aluno, uma vez que, de forma generalizada, a mensagem é repassada para todos e cada qual faz sua inferência a respeito do texto lido. Sob este posicionamento, os Parâmetros Curriculares Nacionais, ao tratar sobre temas transversais a respeito da ética, propõe ao docente que leve seus alunos à assimilação dos diferentes valores através do conhecimento, da análise e a própria experiência. A compreensão é a de que, por meio desse processo, criam-se possibilidades dos alunos elegerem os valores para sua vida.

2. CURRÍCULO ESCOLAR E LEITURA

2. 1 A importância da leitura na (re)construção de aprendizagens com base nos PCN.

Quando nos referimos à escola logo nos deparamos com sua grande missão qual seja a formação de leitores que irão atuar nos segmentos da sociedade, utilizando-se desta competência. Cada dia mais fica a cargo da escola o papel de possibilitar o contato da criança com a o universo da leitura, e os meios que esta instituição vai utilizar para conseguir alcançar este objetivo tornam-se, nos dias atuais, motivo de inquietação no ensino público, onde encontramos mais acentuadamente crianças sem muita expectativa nos estudos.

Conceber leitores com o incentivo e apoio das famílias, que preparam os filhos para esta etapa necessária ao seu desenvolvimento e ao seu futuro, ainda é uma utopia nas escolas públicas. E diante dessa realidade sociocultural, o professor deve investir em práticas diversas para construção do conhecimento, da aprendizagem e de proficientes leitores, conforme exigência do sistema educacional.

Contudo, diante de um perfil de aluno pouco afeito às atividades escolares, cada vez mais presente no contexto educacional público, é preciso à escola se revestir de práticas efetivas de estímulo e envolvimento do aluno, principalmente na questão da leitura de textos. Ao que se refere ao ensino da língua portuguesa, assinala os PCN (2001, p. 58),

Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a de ler, o gosto e o compromisso com a leitura –, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.

Um dos grandes desafios em sala de aula está em conscientizar as crianças sobre o potencial da leitura em suas vidas, no sentido de compreender não apenas como uma competência que vai possibilitá-lo uma pontuação, uma nota, uma

aprovação. Enquanto o aluno visualizar o ato de ler sobre este paradigma, desprestigiadas, ou merecedoras de pouca atenção, serão as práticas realizadas dentro de sala de aula.

De acordo com os PCN (2001, p. 35-36), o ensino de Língua portuguesa vem adquirindo um protótipo de atividades “aditivas”, pois tem início na junção de sílabas com a finalidade de formar palavras, e, por conseguinte, juntam-se palavras para dessa forma criar as frases e, por fim, chega-se ao texto como resultado da ordenação de frases. Entretanto, dentro desta perspectiva didática, os PCN pontuam a necessidade de se rever esta rotina de letramento, considerando que o texto é o elemento primordial para a inicialização do ensino-aprendizagem, pois

Se o objetivo é que o aluno aprenda a produzir e a interpretar textos, não é possível tomar como unidade básica de ensino nem a letra, nem a sílaba, nem a palavra, nem a frase que, descontextualizada, pouco têm a ver com a competência discursiva, que é questão central. Dentro desse marco, a unidade básica de ensino só pode ser o texto, mas isso não significa que não se enfoquem palavras ou frases nas situações didáticas específicas que o exigem. (PCN, 2001, p. 35-36)

Partindo desta premissa, compete à escola “viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos” (PCN, 2001, p. 30), dentro das práticas diárias de aprendizagens, por isso, a necessidade de que o professor, ao selecionar o texto que pretende utilizar na atividade, não subestime o aluno, trazendo apenas textos com frases desconexas e sem nenhuma aproximação ao imaginário ou realidade da criança. Dentro da ação pedagógica, é importante considerar que

A leitura na escola tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder, do seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata. (PCN, 2001, p. 54)

O envolvimento do aluno com a leitura é fundamental, para isso o professor deve estimulá-lo a realizar a leitura, iniciando com textos curtos e bem próximos a realidade cotidiana, para depois adentrar as leituras mais longas e complexas. Neste

processo, o que está em jogo é o fato de que é preciso cativar a criança. De acordo com o PCN (2001, p.53), a leitura acontece de fato quando o aluno vai edificando o conhecimento, a partir do campo linguístico de um texto, de seus referenciais intertextuais e extratextuais.

Desse modo, é fundamental na sala de aula colaborar para que os alunos tenham o hábito de ler, não apenas para cumprimento de um currículo, mas para sua inclusão ativa na vida em sociedade. “As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.” (PCN, 2001, p. 36)

Sendo assim, não se trata apenas de fazer com que o aluno reconheça letras, sílabas, palavras e frases, mas compreender o que está lendo, socializar as suas inferências a respeito da leitura e, para isso, o educador necessita ouvir e questionar seu aluno com fins de avaliá-lo em sua prática de leitura. É fato que uma das grandes preocupações dos professores, mesmo diante de tantas práticas de letramento, é a existência de uma maioria de alunos que não entende o quelê, ou não se predispõe a lê. Diante disso, “é importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento.” (PCN, 2001, p. 36-37).

E ainda,

O trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por outro lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escreve. Por outro lado, contribui para a constituição de modelos; como escrever. (PCN, 2001, p. 53)

Ainda que seja uma prática árdua realizar o envolvimento do aluno com a leitura, diante de tantos alunos que apresentam visíveis dificuldades no processo de aprendizagem na assimilação das letras, sílabas e palavras, é necessário que o professor encontre meios de fazê-lo. Quando esta etapa não é concluída, então durante toda vida estudantil o educando tende a ficar disperso nas aulas de leitura, neste caso a introdução de textos curtos e com ilustração auxilia no preenchimento

das lacunas que o aluno apresente na sua leitura. É certo que, “um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos... esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.” (PCN, 2001, p. 54)

O que se torna cada vez mais desafiador é desmitificar o fato de que a leitura se encerra quando o aluno decodifica o código, pelo contrário, este é apenas o primeiro estágio, é a leitura superficial, a partir daí o aluno precisa aprender a ler com profundidade, compreender as ideias que estão implícitas no texto, fazer suas inferências, ponderar entre o fato real e a intenção do autor. Para tanto,

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler. (PCN, 2001, p. 55)

Ainda segundo os *Parâmetros curriculares nacionais de Língua portuguesa*,

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (PCN, 2001, p. 54)

Para tanto, a insistência em proporcionar atividades de leitura não deve ser apenas um requisito para culminância de projetos, mas uma efetivação na sala de aula e na prática dos professores, conscientes do papel da educação na vida de indivíduos, os quais muitas das vezes são vítimas de uma educação descompromissada e que dificilmente forma leitores críticos.

2.2 Interação entre texto e leitor

Ler pressupõe o texto, porém sabemos que o mero deciframento por si só não constitui a leitura, esta implicana atribuição de significados. Em função disso, é fundamental ofertar ao aluno textos que chamem a atenção e tenham uma relação com a realidade, o que possibilitará de maneira mais eficaz atrair os pequenos leitores. Segundo Cavalcanti (2002, p. 80), “se ler é uma capacidade inerente ao ser humano, então estimulá-la e enriquecê-la deve ser um dos objetivos principais tanto da escola quanto da família e da sociedade”, embora o que se percebe é que se delega a escola a maior parcela desta responsabilidade.

A leitura deve se dar em um processo de interlocução entre leitor e o texto de modo a extrair vários significados. Segundo Iser, ao discutir sobre o ato da leitura, à medida que lê, o leitor vai aumentando seu horizonte de expectativa; o texto lido está na memória e o leitor poderá “dispor” o texto de forma diferente. O ato de leitura se completa quando o leitor, após comparar a obra com conhecimentos prévios e os elementos de sua cultura, passa a incluí-la ou não como parte de seu horizonte de expectativas, o qual será mantido ou preparado para novas leituras ou experiências que rompem com os esquemas estabelecidos (ISER, 1996, 1999).

Considerando o universo textual, de fato, “a literatura possui, sobretudo, uma capacidade intensa de despertar imagens, por isso, acreditamos que o convite para o mundo da leitura deve acontecer de forma integrada, ou seja, estimulando toda a rede de percepção: ver/ouvir/sentir” (CAVALCANTI, 2002, p. 8). Sobretudo é na unidade de ensino onde o aluno aproxima-se dia a dia da leitura, não devendo a escola colocá-la em segundo plano no roteiro das aulas, mas reveja a forma de apresentá-la aos alunos.

Dessa maneira, se quisermos conquistar e formar leitores de textos literários é imprescindível pensarmos a escola como um espaço no qual esses textos devem ser trabalhados cotidianamente, pois a literatura, vista como arte, desempenha papel fundamental no que se refere à busca pelas impressões e emoções estéticas e sensibiliza o leitor para outras etapas do processo cognitivo.

Para Cavalcanti (2002, p. 77),

Talvez o maior problema que estamos enfrentando nos dias atuais é como fazer com que a escola resgate a dimensão lúdica e prazerosa da Literatura, quando os professores foram formados para impor, julgar e avaliar a capacidade de leitura de crianças e jovens. Avaliar no sentido de impor e cobrar. E o pior de tudo é que muitos dos professores não gostam de ler. Leem apenas o necessário do ponto de vista profissional.

Neste sentido, esta pesquisa propõe a apresentação das fábulas aos alunos para introduzi-los ao universo da leitura. A proposta é não apenas ler para os alunos, mas também de torná-los protagonistas da leitura. Assim, eles terão o contato direto com a narrativa no seu começo, meio e fim. Nesse processo, deve-se respeitar a capacidade de cada um, estimulando-os a dialogar a respeito das impressões fruto da leitura. Segundo Kleiman (1996, p. 24), “é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto.” Neste processo, o leitor é estimulado a externar sua interpretação que pode extrapolar os limites do observável no texto lido.

Durante a ação do trabalho com a leitura, cabe ao educador conscientizar o aluno de que o mundo da leitura vai além das palavras, da sala de aula, não se trata de uma atividade meramente para cumprimento de componente curricular, pois “cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas” (LAJOLO, 2001, p.106). Cada educador tem, pois, a missão de fazer com que o aluno se sinta atraído pela leitura, como uma atividade prazerosa, assim como no afirma Martins (2007, p.17):

Esse seria digamos, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo, estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura.

Nos dias atuais, diante de tantos atrativos tecnológicos, juntamente com metodologias pouco atrativas, é consenso de que fica ainda mais difícil promover esta relação entre o aluno e o livro, o que acaba por contribuir negativamente para a formação de leitores. É preciso que o aluno veja e sinta a leitura como uma atividade prazerosa e repleta de sentidos. Para tanto, a relação aluno e leitura deve ser uma ação direcionada por uma metodologia coerente.

No contexto educacional das escolas, umas das grandes preocupações dos docentes deve-se a falta de leitura ou até a dificuldade que os alunos apresentam ao desenvolver a leitura, a interpretação e contextualização dos textos. Compreendendo a grande importância do hábito da leitura para o avanço escolar dos educandos, acreditamos que a inserção nas aulas de textos literários venha a ser um suporte pedagógico no aprimoramento da leitura e possibilitando as descobertas, o mundo imaginário das ideias, a aceitação de suas limitações, assim como o seu desenvolvimento intelectual e social.

Apresentar ao aluno uma literatura voltada para ele é de fato o papel da escola. Mesmo que mais tarde o aluno venha a se deparar com estes textos, momento em que ele terá outra visão do mundo. O ideal é que o aluno tenha esse primeiro contato com textos literários ainda na infância. Uma vez que cabe à escola maior parcela de contribuição para a formação de leitores, nada mais justificável do que proporcionar momentos de leitura na rotina de sala de aula, levando em consideração os benefícios que a mesma traz a aprendizagem como um todo, pois não se trata apenas de uma atividade para passar o tempo. A leitura também é fonte de ensinamentos, a concretização de muitas aulas, a apresentação depois de muitos ensaios que precisa de perseverança e estímulos. Como no diz Martins (2007, p. 20),

Assim como a aprendizagem em geral, e da leitura em particular significa uma conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes, implica igualmente um comprometimento, acarreta alguns riscos. Estes últimos, em geral, estabelecem desconfiança. Inconscientemente aquela leitora talvez ache melhor nem entender (ler), porque isso significaria para ela novas exigências, ruptura, com a passividade, podendo causar-lhe maiores frustrações em face da realidade. E esta, possivelmente, ela considera imutável ou cujas perspectivas de modificação estariam, a seu ver, muito além de ser alcance pessoal ou de seu grupo social.

Se para o professor parece ser uma tarefa difícil, para o aluno também o é. Dessa feita, a atividade de leitura com a utilização das fábulas (ou outra leitura a que se proponha o educador) deve ser realizada em um ambiente acolhedor, com uma narrativa mais direcionada a criança, para que esta conquista do aluno seja cada vez mais o reflexo da prática do professor. Conscientes de que são muitos os desafios, mas também que eles podem ser superados é necessário uma preparação

metodológica fundamentada em leituras literárias. Na fase escolar da criança, a literatura infantil deve estar ao seu alcance, ainda que não saibam ler a palavra, saberão ler a imagem e criar histórias. Através da oralidade a criança também pode conhecer o mundo da literatura que seduz e encanta e cria a disponibilidade para o envolvimento com o texto de forma ativa e prazerosa.

3. REFLETINDO OS VALORES ATRAVÉS DE FÁBULAS CONTEMPORÂNEAS

3.1A responsabilidade no agir: *O Urso Polar pede ajuda a Nanuq*

Na fábula, “*O Urso Polar pede ajuda a Nanuq*”, tem-se um casal de urso polar ilhados em um iceberg nas águas frias do Ártico. Do ponto de vista estrutural, ainda que se trate de fábula contemporânea, a mesma preserva a estrutura clássica das fábulas em sua trama, em seus personagens, com linguagem simples e objetiva.

(...) Narrativa curta, não raro identificada com o apólogo e a parábola, em razão da moral, implícita ou explícita, que deve encerrar, e de sua estrutura dramática. No geral, é protagonizada por animais irracionais, cujo comportamento, preservando as características próprias... (MOISÉS, 1999, p. 226).

Os protagonistas da história, dois ursos polares, dialogam sobre as causas do efeito estufa e seus efeitos como motivo para a situação em que estão vivendo. Como se vê o texto pontua um problema atual. Ao tratar de um tema de extrema importância para as questões ambientais, o autor vai abrindo uma discussão a partir daqueles seres na esfera global que também sofrem as consequências da degradação do meio ambiente: “Um casal de urso polar estava numa geleira no Ártico quando ouviram um terrível crac.”. (CAPPARELLI, 2011, p.12).

Nesta fábula, visivelmente percebemos que a narrativa alude a uma questão atual e bem discutida em todo o mundo, que é o efeito estufa. A questão é posta sob a visão de ursos polares, animais nativos de regiões geladas, o que adquire maior ênfase. Com este texto é possível trabalhar atividades interdisciplinares na sala de aula que perpassam desde atividades de leitura, até a importância da prática de valores, neste caso a responsabilidade humana diante da natureza. Sabemos que o cuidar do meio ambiente é uma tarefa delegada aos homens e quando não o fazem estão prejudicando a sua própria sobrevivência e a dos animais.

Da narrativa, destaca-se o seguinte comentário: “-Deve ser o efeito estufa, que os homens estão nos aprontando – comentou a urso cheia de medo. (CAPPARELLI, 2011, p.12). Claramente, o discurso aponta os responsáveis pelas mudanças cujos efeitos são negativos. O “efeito estufa” – termo importante para uma pesquisa com os alunos a respeito - é posto como o resultado das atividades humanas. A ideia do “medo”, descrita no discurso, pontua a sensação de sentir-seameaçado, portanto, reforça a percepção que proporciona um estado de alerta.

A descrença na humanidade fica evidente quando os ursos recorrem ao “O Senhor dos Ursos Polares”, apavorados com o derretimento da geleira e distante do lar, o urso pede ajuda a Nanuq (O Senhor dos Ursos Polares), não se refere a nenhuma figura humana, conforme a passagem: “Foi nesse momento que o urso polar teve a ideia de rezar a Nanuq, o Senhor dos Ursos Polares. (CAPPARELLI, 2011, p.12). Essa passagem remete à situação semelhante realizada pelos homens quando se veem em situação de perigo: diante de um mal grandioso rogam por proteção divina. Aspecto este passível de reflexão comaturma.

Mas também, na atitude do urso, revela-se uma crítica às pessoas que apenas pedem para que as mudanças aconteçam, porém nada fazem para ajudar a resolver os grandes problemas ambientais, tal qual o trecho abaixo nos aponta:

- Oh, Nanuq, Senhor dos Ursos Polares, me ajuda a voltar pra casa. Eu tenho certeza de que seremos bons pelo resto de nossa vida se conseguirmos sobreviver. E por ter certeza de que vai me ajudar, me desculpe, agora vou descansar um pouco. (CAPPARELLI, 2011, p.13)

Confiante de que seria atendido o urso resolve descansar. Este “descanso” pode ser uma alusão ao comodismo que acompanha a humanidade, a inércia que se percebe em situações que precisam do empenho de todos, descansar diante de situações que necessitam de nossa participação não seria a atitude de alguém responsável. Fator importante para uma discussão com a turma quanto as formas de comportamento frente a um problema individual e coletivo.

As consequências desta atitude do urso são reveladas no final da fábula desta vez trazendo ao leitor ao menos duas grandes lições: a primeira, quando sua companheira o resgata ao vê-lo afundando; e a segunda, o questionamento que esta faz para que o urso também faça a sua parte.

A urso polar olhou estarelecida ao ver o urso afundando. Às pressas, apertou os dentes no pelo do pescoço do urso polar e puxou-o de volta à superfície.

-Por que deixou de nadar? - perguntou ela.

-Pedi ajuda a Nanuq e como ele ia me ajudar, achei que não precisava mais me esforçar.

A urso olhou incrédula para o urso:

Reza, mas não deixa de fazer a sua parte! (CAPPARELLI, 2011, p.13)

Assim, a fábula possibilita a reflexão sobre a questão da responsabilidade que cada um tem diante da sociedade e diante do meio ambiente. Não basta apenas a ajuda vir de outra pessoa, cada um deve fazer sua parte a fim de conseguir melhores resultados.

Conforme Capparelli (2011, p. 7), “o fecho da fábula é a lição prática oferecida ao leitor. Nesse sentido, o que se narra nada mais é do que uma ilustração da lição de moral”. A este propósito é que se faz necessário incluir explicitamente o ensino de valores e o desenvolvimento de atitudes no trabalho escolar, o que não significa, portanto, tomar como alvo, como instrumento e como medida da ação pedagógica o controle de comportamento dos alunos, mas sim intervir de forma permanente e sistemática no desenvolvimento das atitudes através de reflexões. Apesar de ser um trabalho complexo, é necessário acompanhar de forma cuidadosa o processo dos alunos para compreender comportamentos no contexto amplo do desenvolvimento moral e social no tocante aos temas transversais e ética na sala de aula (PCN, 2001, p. 45).

Temas assim são importantes no cenário atual das escolas de Ensino Fundamental, espaço em que o currículo vem vislumbrando uma infinidade de textos dentro da categoria literária. Contudo, diante de tanta diversidade de textos, o educador deve ter cautela com relação à temática e a linguagem abordadas por estes textos com relação ao público a que elas se destinam e ainda “esses textos precisam ser curtos, contemporâneos e “divertidos”(COSSON 2011).

Assim, as fábulas tendem a ser um bom exemplo de texto a ser inserido no universo de leitura dos alunos. Considerando as possibilidades de aprendizagens que a fábula apresenta, é que se propõe trabalhar com as fábulas na sala de aula, tendo por foco o potencial deste material literário cujo exercício de leitura tende a se alargar para a reflexão de valores no contexto atual.

3.2 A humildade e limitações: *A raposa zoolímpica*

Na fábula “*A rapozazoolímpica*”, encontra-se uma personagem presente nas narrativas de vários fabulistas, a raposa, marcada pela astúcia e vanglória de suas próprias qualidades.

Nesta trama, participando de uma zoolimpíada, já na fase classificatória em meio a sua boa desenvoltura, a raposa “pisou em falso” e não obteve sucesso no salto realizado. Devido a seu deslize, o juiz lhe atuou com a retirada de pontos. Insatisfeita com a atitude do juiz, a raposa encontra logo uma forma de justificar-se do ocorrido, “-Isso é injusto! A culpa não foi minha, pois quem pisou em falso foi meu pé”. (CAPPARELLI, 2011, p.16). O trecho um tanto cômico tende a chamar de imediato a atenção do leitor, instigando a posicionar-se a concordar ou discordar das atitudes.

As fábulas, portanto, são um quadro onde cada um de nós se acha descrito. O que elas nos apresentam confirma os conhecimentos hauridos em virtude da experiência pelas pessoas idosas e ensina às crianças o que convém que elas saibam. E como estas são recém chegadas neste mundo, não devemos deixá-las nessa ignorância senãodurante o menor tempo possível. Elas têm que saber o que é um leão, o que é uma raposa, e assim por diante, portanto às vezes se compara o homem a um destes animais. Para isto servem as fábulas, pois é delas que provêm as primeiras noções desses fatos. (LA FONTAINE, 1992, p.39).

Desde há muito tempo, há uma preocupação em retratar os comportamentoshumanos a fim de que as novas gerações percebam as consequências das atitudes quando negativas e quando positivas, e quando se trata do universo infantil, a fábula é salutar para se fazer essa orientação,para que tenham este primeiro contato com os comportamentos humanos a partir da atitude de seres inanimados, pois assim esta missão ganha caráter lúdico e pedagógico.Discutindo sobre o gênero literário Góes (1991, p.144) afirma,

A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias.

No texto da fábula citada, o comportamento da raposa é típico do indivíduo que não reconhece seu próprio erro, mas delega sempre a algo ou a alguém os seus insucessos. Observando a trama, identifica-se uma passagem um tanto cômica:

[...] Ao chegar em casa, castigou o pé. Beliscou-o diversas vezes e bateu com o cabo de vassoura nas juntas dos dedos

- Amanhã temos outra chance - disse ao pé direito - Se me desapontar...e o que está rindo aí, dedão? Se não se portar direito, amanhã vou te castigar com umas boas marteladas.

(CAPPARELLI, 2011, p.16)

A fábula *A raposa zoolímpica* põe em foco a figura do atleta, do jogo e suas regras. Põe em foco também a ideia de competição e fracasso. A crítica voltada à incapacidade de reconhecer o erro passa a assumir um efeito irônico e também instigador de reflexão. Ao narrar a atitude da raposa ao castigar seu próprio pé, demonstrando não ter a humildade de reconhecer suas limitações, ao contrário bate em seus próprios dedos, acaba por chamar a atenção para a quem de fato cabe a responsabilidade do ocorrido. A trama, estrategicamente articulada por meio do humor, acaba por colocar o leitor diante de situações que na sociedade revela sentimentos de egoísmo, de vaidade daqueles que a qualquer custo querem se colocar em lugar de destaque.

Com efeito, a riqueza de se trabalhar com as fábulas é a multiplicidade de interpretação que a mesma proporciona. Ainda que a trama seja vivenciada por animais, as possibilidades de analogia com as atitudes humanas se estruturam de uma forma direta. Diante de trama, o leitor muitas vezes mergulha nas palavras, vivencia o mocinho e/ou o bandido e toma para si uma posição.

3.3 Perspectivas no ensino com o apoio da fábula

Discutindo a respeito do fenômeno literário e seus efeitos, Antonio Candido (2004, p.176) expõe a complexidade advinda da natureza da literatura, distinguindo três faces: é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. Portanto, a literatura possibilita diversas perspectivas para o ensino, uma vez que quando o homem se apropria da poderosa força da palavra organizada, ordena melhor sua mente e seus sentimentos e, conseqüentemente, pode organizar melhor a sua visão de mundo.

Assim, no tocante a leitura, as fábulas têm este poder de atração da atenção do aluno por seu caráter lúdico e educativo e por sua aproximação a diversas realidades do cotidiano do leitor. Partindo desse pressuposto, a leitura tende a proporcionar um sentido mais amplo de envolvimento entre o leitor e o texto, por meio do jogo com as palavras, o contexto, os elementos extratextuais e sua visão de mundo.

Contudo, é importante ressaltar que não existem mágicas ou fórmulas prontas para ensinar literatura, o que se pode fazer é encontrar caminhos que estejam dentro da realidade de cada escola, na qual alunos e professores possam vivenciar a experiência do prazer estético e desse modo poder construir suas próprias inferências a respeito do texto.

Neste processo, é fundamental que o professor planeje as atividades de leitura tendo por foco as especificidades do aluno, no caso o leitor. A quem o texto literário deva conferir uma natureza emancipatória, visto que “a experiência da leitura pode liberá-lo [o leitor] de adaptações, prejuízos e apertos de sua vida prática, obrigando-o a uma nova percepção das coisas” (JAUSS, 2002, p.54). Assim, propõe-se que a leitura literária seja realizada de maneira contribuir para o processo emancipador, o que constitui a função social da literatura. Para tanto, cabe ao professor ser um orientador desse processo, uma vez que o despertar para o universo da leitura deve acontecer a partir de textos mais leves, engraçados,

folclóricos, de onde possam surgir inúmeras inferências. Pensando nisso, é que destacamos a fábula para realização de atividades de leitura, interpretação e produção de textos. Além disso, a fábula é um texto que atrai a atenção das crianças, principalmente por trazer animais representando comportamentos próprios do ser humano.

Com o auxílio da fábula, tem-se a oportunidade de realizar oficinas de leitura e reflexão de suas narrativas. Através de agrupamento de alunos, pode-se trabalhar com diversos temas na sala de aula, momento em que o aluno pode expressar a sua leitura de mundo, de vivências na interação aluno, texto e realidade.

Por meio das fábulas é possível dinamizar as aulas e assim motivar os alunos a gostarem de ler, a redescobrirem aprendizagens a partir das leituras realizadas, pois de maneira explícita ou implícita a fábula traz uma lição de moral que pode vir a contribuir para os alunos em seu amadurecimento, observando, por exemplo, as possibilidades de escolhas e as possíveis consequências destas escolhas.

Dessa forma, ao trabalhar com diversos temas desde a leitura de mundo, de espaço geográfico, do homem e meio ambiente, dentre outros, a fábula tende a estimular o senso crítico dos alunos diante dos comportamentos vivenciados, possibilitando contribuir na formação de pessoas mais conscientes de seus atos e também de suas omissões. Do ponto de vista da leitura, o texto literário contribui para a formação do leitor literário quando a obra literária propõe indagações ao leitor, estimulando a curiosidade e, instigando assim, a produção de novos conhecimentos. Assim como aponta Lajolo (2008, p.106), se ler é essencial, a leitura literária também é fundamental, uma vez que “é a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias”. Por isso, a importância da literatura no currículo escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, é possível afirmar que o uso do gênero literário fábula como instrumento pedagógico nas atividades de sala de aula traz inúmeras contribuições no processo de ensino-aprendizagem, principalmente em se tratando de alunos com dificuldades de leitura e interpretação de texto, uma vez que por meio da leitura do texto literário concretiza-se o objeto lúdico e estético conforme exige a natureza da arte literária. Além disso, a literatura infantil, a exemplo da fábula, apresenta-se como um instrumento enriquecedor nas séries iniciais do ensino fundamental, pelo seu caráter educador, no sentido proposto pelo crítico Antonio Candido (2004), pois ela fornece tanto a fruição como promove a inquietude do espírito, possibilitando a construção de novas aprendizagens.

Tendo como referência as duas fábulas analisados, uma com foco para a responsabilidade e a outra para as limitações, é possível reafirmamos o caráter educador que tem a fábula, conforme apontado pelo crítico Antonio Candido (2004, p. 67), ao discorrer a respeito da condição humanizadora literatura ao passo que “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”.

Contudo, para a efetivação de um processo de leitura na perspectiva emancipadora, no sentido de instrumentalizar o aluno na construção de novas aprendizagens, é fundamental a atuação do professor. A ele cabe a função de planejar, selecionar e orientar as atividades de leitura tendo por foco as especificidades do aluno. De modo que “todas as atividades escolares das quais o texto participa precisam ter sentido, para que o texto resguarde seu sentido maior.” (LAJOLO, 1986, p. 37).

Sendo assim, no contexto de formação do leitor, torna-se evidente a importância de se incluir na proposta de ensino os textos literários cuja matéria, dentro de uma perspectiva interdisciplinar, tende a potencializar o estímulo à leitura e a reafirmação de valores para uma formação cidadã.

REFERÊNCIAS

- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 6ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAPPARELLI, Sérgio, 30 fábulas contemporâneas para crianças/ Sérgio Capparelli; ilustrações Eduardo Uchôa. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **A literatura Infantil – Visão Histórica e Crítica.** São Paulo: Ed. Global, 1989.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica/** Joana Cavalcanti. São Paulo: Paulus, 2002.
- CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: _____. **Vários escritos.** Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário; teoria e prática/** RildoCosson.2. Ed.1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil teoria e prática.** 18ª ed. São Paulo. Editora Ática, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 5ª. **Edição do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 5ed. Edição eletrônica. Versão 7.0. São Paulo: Positivo Informática Ltda. 2010.
- GÓES, Lucia Pimentel – **Introdução à literatura infantil e juvenil.** 2. Ed. São Paulo:Pioneira, 1991.
- ISER, W. **O ato da leitura.** 1v. São Paulo: Editora 34, 1996.
- ISER, W. **O ato da leitura.** 2v. São Paulo: Editora 34, 1999.
- JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. IN: LIMA, Luis Costa (Org). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- JELIN, Israel. **Fábulas entortadas/** Israel Jelin; ilustrações de Sebastião Nunes. 1. Ed. – Sabará, MG: Ed. Dobolsinho, 2011.

KLEIMAN, A. Moraes, S. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas. Mercado de letras. 1996.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura Para a Leitura do Mundo**. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2008.

_____. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

LA FONTAINE. **Fábulas de La Fontaine**. Tradução: Laranjeira, Mario. São Paulo, Cortez, 1992.

LOBATO, M. **Fábulas. Obras completas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti, 2001. **Leitura, literatura e escola - Sobre a formação do gosto**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** / Maria Helena Martins. São Paulo. Brasiliense: Coleção primeiros passos, 2007.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1999.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: APRESENTAÇÃO DOS TEMAS TRANSVERSAIS: ÉTICA/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. -3. ed. – Brasília; A Secretaria, 2001.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: LÍNGUA PORTUGUESA/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. -3. ed. – Brasília; A Secretaria, 2001.

ANEXO 1

FÁBULA 1 - O Urso polar pede ajuda a Nanuq

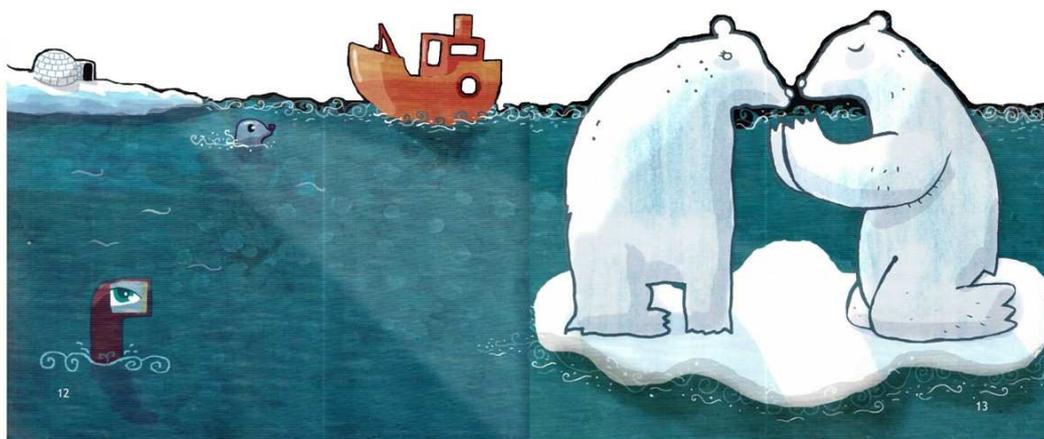


Ilustração do livro *30 fábulas contemporâneas*.

Um casal de urso polar estava numa geleira no Ártico quando ouviram um terrível crac. O iceberg onde o urso e a ursa estavam começou a se mover, avançando para o mar aberto.

-Deve ser o efeito estufa, que os homens estão nos aprontando – comentou a ursa cheia de medo.

Ela deu-se conta, de repente, que sua casa, seus amigos e amigas, os caminhos que conhecia, os esconderijos das focas, tudo, enfim, de que ela gostava ia se distanciando.

No início a ursa quis consolar o urso, mas em pânico ele abraçava-se a ela. A custo o convenceu de que o melhor seria pularem juntos no mar para alcançar a margem.

Assim fizeram. No início foi fácil, mas depois de um tempo veio o cansaço, o frio e a fome. Mas não pararam de nadar, pois se parassem, morreriam.

Foi nesse momento que o urso polar teve a ideia de rezar a Nanuq, o Senhor dos Ursos Polares.

- Oh, Nanuq, Senhor dos Ursos Polares, me ajuda a voltar pra casa. Eu tenho certeza de que seremos bons pelo resto de nossa vida se conseguirmos sobreviver.

E por ter certeza de que vai me ajudar, me desculpe, agora vou descansar um pouco.

A ursa polar olhou estarecida ao ver o urso afundando. Às pressas, apertou os dentes no pelo do pescoço do urso polar e puxou-o de volta à superfície.

-Por que deixou de nadar? - perguntou ela.

-Pedi ajuda a Nanuq e como ele ia me ajudar, achei que não precisava mais me esforçar.

A ursa olhou incrédula para o urso:

Reza, mas não deixa de fazer a sua parte!

ANEXO 2

FÁBULA 2 -A Raposa Zoolímpica



Ilustração do livro
30 fábulas contemporâneas.

Uma raposa devia fazer uma série de exercícios de ginástica olímpica na fase classificatória das Zoolimpíadas. Ela estava indo muito bem quando pisou em falso durante um salto triplo. Reclamou quando o juiz lhe tirou alguns pontos:

-Isso é injusto! A culpa não foi minha pois quem pisou em falso foi meu pé.

O juiz achou graça, reconhecendo que a raposa era engraçada e tinha muito espírito esportivo.

A raposa, porém, nem tinha espírito esportivo nem achava graça. Ao chegar em casa, castigou o pé. Beliscou-o diversas vezes e bateu com o cabo de vassoura nas juntas dos dedos.

-Amanhã temos outra chance - disse ao pé direito - Se me desapontar...e o que está rindo aí, dedão? Se não se portar direito, amanhã vou te castigar com umas boas marteladas.

No dia seguinte, bem cedo, ela foi mancando para o estádio olímpico. Seu pé estava muito inchado. Olhando o sofrimento do pé, que procurava pisar com cuidado, ela perdeu a paciência:

-Bem feito! Quem mandou me prejudicar!



Ilustração do livro
30 fábulas contemporâneas.

Na primeira prova do dia, ao tentar um duplo twist encarpado, um dos saltos mais difíceis da ginástica olímpica, caiu de mau jeito e foi desclassificada. No caminho para casa, parou numa trilha antes da floresta, abriu um pequeno canivete e disse para o pé direito:

-Quando chegarmos em casa, vou tomar minhas providências!

Percebeu então o dedão erguendo a cabeça, para dizer:

-Quando a gente cai, não é culpa do pé.